RUFANDO BOMB NEWS Notícias sem rodeios

Domingo, 08 de Novembro de 2026

Inflação da zona do euro cai abaixo do esperado em junho, aliviando pressão sobre BCE

Taxa de inflação recua para 2,8% na zona do euro, frustrando expectativas e reduzindo urgência por novo aumento de juros

A inflação na zona do euro apresentou desaceleração superior às projeções no mês de junho, diminuindo a pressão imediata sobre o Banco Central Europeu para elevar novamente sua taxa de juros neste período, diante da moderação nos preços de alimentos, energia e serviços.

Nos 21 países integrantes da união monetária europeia, o índice inflacionário geral recuou para 2,8% em junho, comparado aos 3,2% registrados em maio, superando as perspectivas analistas que apontavam para 3,0%. Essa performance refletiu a diminuição nas pressões de preços em múltiplos segmentos da economia.

A inflação subjacente, que desconsidera flutuações nos custos de alimentos e combustíveis, apresentou trajetória de queda, indo de 2,6% para 2,4%. Simultaneamente, a inflação de serviços recuou de 3,5% para 3,2%, indicando ampla desaceleração nas pressões inflacionárias.

Apesar dos números de junho permanecerem significativamente acima da meta de 2% estabelecida pelo BCE, a recente redução nos preços internacionais de petróleo, sustentada por esperanças de resolução do conflito no Oriente Médio, fortaleceu as perspectivas de alívio contínuo nas pressões de preços. Essas circunstâncias sugerem que os impactos econômicos mais severos decorrentes da elevação anterior de custos energéticos poderão ser contidos.

Autoridades do banco central têm manifestado que não existe urgência em manter a cadência de aumentos de 0,25 ponto percentual nas taxas de juros executado em junho. A instituição considera prudente aguardar mais tempo para avaliar como as dinâmicas inflacionárias evoluem nos próximos meses.

Uma preocupação central do BCE permanece a possibilidade de efeitos de segunda ordem, onde choques energéticos iniciais perpassem para os preços de outros produtos e serviços, com potencial impacto subsequente na escalada de salários e custos trabalhistas.

Contudo, até o presente momento, esses mecanismos de transmissão de pressões inflacionárias não se concretizaram empiricamente, e a aceleração de salários também não se manifesta com intensidade, fortalecendo argumentos pela cautela institucional.

Não obstante, a maior parte dos economistas e participantes de mercado financeiro avalia como provável a retomada de aumentos de juros pelo BCE em setembro ou outubro, mesmo diante de uma possível pausa em julho. Essa perspectiva considera que os preços de energia continuam substancialmente superiores aos patamares anteriores ao conflito europeu, além dos riscos de novas turbulências no Oriente Médio.

Também pesam riscos associados à escassez potencial de fertilizantes originários do Oriente Médio e à ocorrência de ondas de calor na Europa, fatores que poderiam comprometer a produtividade agrícola e exercer pressão altista nos custos alimentares, justamente no período em que despesas energéticas estão em trajetória de queda.

O próximo encontro do Conselho de Governadores do BCE, dedicado às deliberações sobre a política monetária europeia, está agendado para o dia 23 de julho.